

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA IESOL/UEPG: REFLEXÕES ACERCA DA
PSICOLOGIA NA ECONOMIA SOLIDÁRIA

EIXO TEMÁTICO III: ITCPs E METODOLOGIAS DE INCUBAÇÃO

FABIANE KRAVUTSCHKE BOGDANOVICZ
IESOL/UEPG

EMAIL: frosebach@bol.com.br

TELEFONE: (42) 9981-2430

Resumo: Este artigo analisa o trabalho da área da Psicologia, estagiários e profissionais, na Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESol/UEPG, atuação essa que é realizada interdisciplinarmente com demais áreas atuantes na incubadora. O período analisado inicia em 2011, com a primeira estagiária, até 2014, através de relatórios finais de estágio, artigos publicados e apresentados em eventos e anotações de campo, com objetivo de sistematização e reflexão sobre a atuação da Psicologia na Economia Solidária. Como resultados, observa-se o aumento do número de estagiários e profissionais Psi na IESol, bem como da produção teórica sobre as práticas da Psicologia nesse contexto. Entretanto, os materiais escritos, especialmente relatórios finais de estágio, não contam com descrições muito detalhadas sobre as atividades realizadas, o que dificulta na sistematização posterior e na criação de um documento de referência da área.

Palavras-chave: Psicologia; estágio; sistematização.

EIXO TEMÁTICO III: ITCPs E METODOLOGIAS DE INCUBAÇÃO

GT 15 - Estruturas e metodologias de funcionamento das incubadoras

A Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESol – é um programa permanente de extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná – UEPG – criado em 2005, e que integra a Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares – ITCPs. As atividades da incubadora são realizadas por estagiários, técnicos, professores e voluntários de diversas áreas, priorizando a atuação interdisciplinar, a fim de superar a fragmentação positivista do conhecimento. É mister enfatizar que a atuação a partir do referencial da Psicologia se dá de forma integrada e em inter-relação com as demais áreas, pois compreende-se que a tendência da Ciência Moderna de “esquartejar” a totalidade e buscar apreendê-la a partir de especializações – cada vez mais profundas –, partindo do pressuposto de que o todo é igual à mera soma de suas partes, é um paradigma que não apenas necessita ser superado, como já está a sofrer uma transformação epistemológica, por demanda da própria complexidade dos fenômenos e das muitas limitações apresentadas pela fragmentação das áreas de conhecimento (POMBO, 2005). Ainda acerca da interdisciplinaridade, quanto à Economia Solidária, Paul Singer (2008, p. 13) argumenta que, “embora seu aspecto essencial seja a atividade econômica, nem a ciência econômica, nem qualquer outra das disciplinas das humanidades pode por si só abarcar sua construção, no vácuo deixado pelas insuficiências do modo de produção dominante”. Isto posto, para fins de análise e sistematização, o presente artigo destaca a atuação da área da Psicologia, ciência que estuda o sujeito e seus comportamentos – observáveis ou privados –, bem como as relações que estabelece consigo mesmo, com os demais sujeitos e com o mundo ao seu redor.

A Psicologia se encontra presente no cotidiano da IESol a partir de 2011, quando foi realizado um convênio de estágio com uma faculdade particular da cidade. A partir daí, todo

ano a incubadora conta com pelo menos uma dupla de estágio dessa instituição. Em 2012, a IESol passou a ter a presença de uma profissional da área, que foi estagiária da incubadora durante sua graduação. Além disso, em 2014, mais uma profissional se juntou à equipe, através de um estágio de residência de uma pós-graduação *lato sensu*.

Este artigo objetiva relatar parte do processo de sistematização dos trabalhos na área da Psicologia realizados na incubadora IESol, efetuando uma reflexão sobre o material consultado, bem como sobre a prática do estágio e da atuação profissional. Utiliza-se a expressão “parte do processo de sistematização” pois compreende-se que esse processo deve ser uma prática constante de acompanhamento dos trabalhos da incubadora, entendendo sistematização como um processo permanente de construção de conhecimento, a fim de transformar a prática a partir do que foi vivenciado, com os objetivos de “observar os processos vividos, qualificar a experiência, socializar o novo conhecimento por meio de várias linguagens, replicar e multiplicar o conhecimento produzido com a sistematização” (CFES, 2010, p. 3). Com a análise das práticas da Psicologia na IESol, é também possível refletir sobre a relação da Psicologia com a Economia Solidária, suas possibilidades e limites.

A justificativa deste trabalho se dá pela relevância da compilação escrita das atividades teóricas (como artigos, apresentações de trabalho e relatórios finais de estágio) e práticas realizadas (como dinâmicas e atividades com grupos), para produção de conhecimento científico e socialização desse conhecimento, especialmente entre as demais incubadoras e pessoas que atuam com a Economia Solidária e/ou com a Psicologia. O material resultante desta sistematização também servirá como referência para futuros trabalhos desenvolvidos na IESol, especialmente para novos estagiários da área, configurando assim a práxis – ação reflexiva –, e efetivando o tripé universitário ensino-pesquisa-extensão.

Acerca do tema a que este trabalho está circunscrito, é notório que a Psicologia, desde seu surgimento, demonstrou-se uma área de conhecimento normativista e elitista, que “tem servido muito mais aos que podem pagar por este conhecimento, ampliando e perpetuando o desequilíbrio da natureza e entre os seres humanos, do que aos que efetivamente dele necessitam” (CORTEGOSO, CIA e LUCAS, 2008, p. 36). A fim de se estabelecer como uma ciência (na concepção estritamente positivista do termo, considerando que os primórdios da Psicologia moderna datam de 1879, na Alemanha), a Psicologia buscou em laboratório, em medidas e testagens, classificar e estabelecer teorias universais a respeito dos comportamentos humanos (e até mesmo de animais não-humanos), produzindo um saber normativista, adaptativo e excludente. Ao criar um modelo de “normal” (adaptado), cria-se também,

automaticamente, um modelo de “anormal” (desadaptado) com base na pretensa neutralidade que compõe o paradigma positivista de Ciência. Contudo, entendendo que essa neutralidade almejada é impossível de ser atingida, o que acontece é a reprodução dos processos de dominação que os sujeitos introjetam e naturalizam. Dessa forma, a Psicologia colocou em seu modelo de normalidade os valores e representações da classe burguesa, que se levantava sobre os ombros do emergente capitalismo industrial. Esse discurso hegemônico da Psicologia, sendo aplicado em clínica com base no modelo médico (diagnóstico, nosológico, terapêutico, fechado em consultório, conforme HÜNING e GUARESCHI, 2005), atendia, então, apenas aos interesses das classes dominantes.

Em sua interlocução com a área do Trabalho, a Psicologia iniciou sua influência (por volta de 1910, com a denominação de Psicologia Industrial) de forma adaptacionista, buscando conseguir “o melhor homem possível, o melhor trabalho possível, o melhor resultado possível”, adequando o indivíduo ao seu trabalho, através da ênfase nos processos de seleção e treinamento (LEÃO, 2012, p. 294-295). O modelo de atuação vigente era o sistematizado por Frederick W. Taylor, que propôs a separação do trabalho braçal e do trabalho cerebral, retirando dos trabalhadores qualquer poder de decisão, para intensificar sua produção (idem, p. 295). Essa concepção da Psicologia do Trabalho atuava colocando “óleo na engrenagem” do sistema de produção capitalista, para extrair a maior produtividade – e, conseqüentemente, o maior lucro – do ser simbiótico humano-máquina, sendo o ritmo de trabalho ditado pela máquina, que era considerada mais valiosa, pois o homem seria o elemento mais facilmente substituível dessa relação (MELLO, 2008, p. 17). Com a ampliação desse controle – exercido pelo capital – sobre as relações de trabalho, foram se efetuando reorganizações produtivas, com extinção de empregos e colocando um único trabalhador para realizar o trabalho de dois ou três trabalhadores, resultando em um contingente de pessoas desempregadas (idem, p. 18).

Olhando para essa realidade no Brasil, nas décadas de 1980 e 1990, conforme relata Singer (2008, pp. 122-123), o contexto de crise econômica foi o cenário da ascensão do terceiro setor, dos empregos informais, e também de alternativas de organização buscadas por movimentos sociais (como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST) e por outras entidades (como Pastorais Católicas, Sindicatos e universidades), sendo esse contexto também propício para o ressurgimento da Economia Solidária (cujas raízes remontam ao Socialismo Utópico do começo do século XIX, essencialmente em Robert Owen, Saint-Simon e Charles

Fourier). Também nessa época, em um movimento crescente a partir das décadas anteriores, a Psicologia atravessou profundas mudanças, que podem se resumir na fala de Lane (1995):

Qual a relação entre o biológico da espécie e o histórico cultural das sociedades? Esta era a crise teórica com suas conseqüências metodológicas sentida por todos os estudiosos da Psicologia Social. Porém, na América Latina esta crise assumiu também um caráter político. As ditaduras militares, com seu poder repressivo, as injustiças sociais, a opressão sob a qual a maioria dos povos vivia nas décadas de 60 e 70, faziam-nos questionar não só o nosso papel de pesquisadores como a própria Psicologia Social. Ela, que se apresentava na década de 50 como o ramo da Psicologia que contribuiria para resolver os grandes problemas da humanidade, parecia a nós, neste período, que apenas subsidiava a opressão, a manipulação política, a manutenção do status quo. Diante deste quadro, o nosso cotidiano não nos permitia ficar em "torres de marfim" pesquisando neutramente.

O livro “Psicologia Social: o homem em movimento”, dos organizadores Silvia Tatiana Maurer Lane e Wanderley Codo, publicado em 1984 e embasado no marxismo histórico-dialético, marcou a ruptura da Psicologia Social brasileira com o modelo de Psicologia Social norte-americano, vigente até então. As críticas a esse modelo norte-americano abrangem o fato de este ser apenas descritivo do observável, de partir de uma noção reducionista do social (meramente como interação e não como processo e construção) e de ter seu desenvolvimento “comprometido com os objetivos da sociedade norte-americana do pós-guerra, que precisava de conhecimentos e de instrumentos que possibilitassem a intervenção na realidade, de forma a obter resultados imediatos, [...] garantindo o aumento da produtividade econômica” (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2001, p. 140-141) e buscando “fórmulas de ajustamento e adequação de comportamentos individuais ao contexto social” (LANE apud BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2001, p. 141). Essa Psicologia Social norte-americana se encontrava alienada dos problemas sociais e teorizava um sujeito a-histórico, apartado da cultura. Explica Reboredo (1998) que o paradigma americano se identifica “pelo compromisso com os mecanismos de gestão dos sistemas dominantes. A tendência libertária origina-se na ação de autores europeus e assume novos matizes na América Latina dada as conjunturas ditatoriais nesse continente a partir da década de 60”.

A emergente Psicologia Social Latino-americana, rompendo com o colonialismo intelectual e a fim de contribuir com a transformação social, passou então a enfatizar o trabalho grupal e comunitário, a pesquisa ação-participante, o conhecimento produzido a partir da interação entre profissional e sujeito da intervenção, a transformação do instituído, a solidariedade, o respeito e a inclusão das diferenças e a cidadania (VERONESE, 2008a, pp. 13-14). Também foram características desse movimento a revisão crítica dos conceitos teóricos da Psicologia Social, a relação dialética e indissociável entre teoria e prática, a prioridade com o compromisso político na pesquisa participante, a superação da dicotomia

entre subjetividade e objetividade no conhecimento do ser humano, a promoção do desenvolvimento da consciência social objetivando a libertação dos povos oprimidos, entre outras questões afins (LANE, 1995). A partir de uma nova compreensão de sujeito como um ser em permanente movimento, os conceitos estanques e generalistas de outrora deixaram de fazer sentido, passando a valorizar a consciência, a identidade e a atividade do sujeito material (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2001, p. 142-145). Para Cedeño (1999), o compromisso com a modificação da situação social dos povos oprimidos da América Latina levou a práticas subversivas, pois eram vigentes os regimes ditatoriais em quase todo o continente. Nesse sentido, o eminente psicólogo expoente dessa nova Psicologia Social, Martin-Baró, escreveu acerca do papel do profissional da Psicologia:

Propõe-se como horizonte do seu *que fazer* a conscientização, isto é, ele deve ajudar as pessoas a superarem sua identidade alienada, pessoal e social, ao transformar as condições opressivas do seu contexto. Aceitar a conscientização como horizonte não exige tanto mudar o campo de trabalho, mas a perspectiva teórica e prática a partir da qual se trabalha. Pressupõe que o psicólogo centro-americano recolha seu conhecimento e sua práxis, assuma a perspectiva das maiorias populares e opte por acompanhá-las no seu caminho histórico em direção à libertação (MARTIN-BARÓ, 1997 apud BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, p. 163).

Com base nesse novo paradigma, é possível retomar a relação da Psicologia com o campo do trabalho, não mais de forma adaptativa, mas entendendo-o como o “*locus* do estabelecimento de relações onde as competências cognitivas e afetivas do sujeito são postas à prova, desenvolvidas, intensamente vivenciadas através das múltiplas experiências que o contexto laboral proporciona” (VERONESE, 2008b, p. 56), estando as formas de trabalhar relacionadas “não apenas à produção e distribuição de produtos e serviços, mas à recriação da vida de cada sujeito e da vida em sociedade” (idem, p. 57). Assim, percebe-se que “os métodos tradicionais da psicologia do trabalho, construídos nos setores de recursos humanos das organizações de grande porte, não são compatíveis com as organizações solidárias”, sendo então necessário desenvolver novas metodologias, baseadas nos preceitos da Psicologia Social Latino-Americana e suas vertentes (como a Psicologia Comunitária), centradas nos processos grupais (COUTINHO *et al*, 2005).

Quanto aos trabalhadores da Economia Solidária, por terem crescido e se desenvolvido em uma sociedade fragmentada e desigual, com um mundo do trabalho competitivo e individualista, esses sujeitos não estão imunes à reprodução desses modelos e das relações de poder aprendidas e introjetadas (VERONESE, 2008b, pp. 57-58). Destarte, a atuação do Psicólogo na Economia Solidária objetiva garantir: vivências autogestionárias, criação e manutenção dos vínculos intragrupais, comunicação assertiva, construção da autonomia, solidariedade, aumento da auto-estima do trabalhador, senso de pertença ao grupo, conciliação

entre os interesses individuais e coletivos, participação ativa e consciente no grupo e em demais espaços de atuação política, manejo de conflitos, participação igualitária, entre uma diversidade de outras possibilidades, com respeito à singularidade de cada sujeito e de cada coletivo e seus saberes (FAVERO e EIDELWEIN, 2004; CARVALHO e BARBOSA, 2009).

De acordo com Coutinho *et al* (2005), a atuação do psicólogo junto a um Empreendimento Econômico Solidário pode se dar com o empreendimento como um todo ou com os trabalhadores individualmente, mas a prioridade deve ser nas intervenções de caráter coletivo, sempre buscando “incorporar um saber construído a partir da perspectiva das camadas menos favorecidas da população”.

A partir dos pressupostos teóricos expostos acerca das possibilidades de práticas da Psicologia na Economia Solidária, pode-se então passar para a análise dos trabalhos realizados na realidade da IESol. Este artigo se remete à atuação de estagiários e profissionais de Psicologia realizada na incubadora, através de revisão bibliográfica: de 6 relatórios finais de estágio, dos anos 2011 a 2014 (relatórios estes que constam de duas cópias, sendo uma para a faculdade e outra para o local de estágio, como devolutiva); de 5 artigos, publicados nos eventos 11º e 12º CONEX – Conversando Sobre Extensão (UEPG), de 2013 e 2014, ExtenSo: Extensión y Sociedad (Universidad de La Republica, Montevideú), de 2013, e 15º Encontro Regional Sul da Abrapso (Associação Brasileira de Psicologia Social), de 2014; um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, de 2014; anotações de campo de atividades desenvolvidas pelas profissionais psi em 2013 e 2014; e a mesa redonda Conversando sobre a atuação da Psicologia na Economia Solidária, no evento I SENESTS – Seminário Nacional de Economia Solidária e Tecnologia Social, realizado pela IESol em 2014.

Para iniciar a análise da atuação dos estagiários, através da revisão bibliográfica dos relatórios finais de estágio, convém contextualizar que, para Fiad e Silva (2009, p.126 apud MELO, GONÇALVES e SILVA, 2013, p. 103), relatórios de estágio são “um trabalho escrito, cuja referência maior não seria esse ou aquele autor, ou conjunto de ideias estudado, mas a experiência construída pelo estudante, à distância dos professores e demais colegas de classe”, onde são expostos dados e fatos decorrentes da transposição didática interna realizada pelo aluno, agente-produtor, “com os parâmetros da situação de linguagem no momento de sua escrita do relatório de estágio supervisionado”.

Observa-se um número bastante pequeno de pesquisas quanto à escrita de estudantes (e até mesmo de profissionais) da Psicologia (FILGUEIRA, 2010). Todavia, diversos autores apontam a imprescindibilidade da prática para o psicólogo. “O ato de redigir relatórios de

atendimento é considerado um fazer do psicólogo, e a escrita de documento diante de qualquer atendimento psicológico passou a ser obrigatória, segundo resolução do Conselho Federal de Psicologia (BRASIL, CFP, 2009 apud FILGUEIRA, 2010, p. 11). Há também uma deliberação acerca da obrigatoriedade dos relatórios de estágio de Psicologia, através do Parecer do CNE 62/04, sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Em seu artigo 23, consta que “as atividades de estágio supervisionado devem ser documentadas de modo a permitir a avaliação, segundo parâmetros da instituição, do desenvolvimento das competências e habilidades previstas” (BRASIL, CFP, 2004 apud FILGUEIRA, 2010, p. 34).

O número total de estagiários que passaram pela IESol em 4 anos é de 14 estagiários, sendo que uma dupla contabilizada não pôde concluir seu estágio na instituição. Em 2011, a estagiária M. Piekarski foi a pioneira no campo do estágio curricular de Psicologia na IESol. Seu trabalho foi desenvolvido junto à Associação de Recicladores Rei do Pet – ARREP. Relata em seu Plano de Ação, de quinze páginas, que o objetivo geral de seu trabalho foi “desenvolver no grupo solidário a integração dos indivíduos visando à participação coletiva e a criação de vínculos”, e como objetivos específicos, “possibilitar aos indivíduos a criação de vínculos através da confiança em si e no outro; proporcionar melhor relação social consigo e com os outros; aplicar dinâmicas de grupo visando à integração dos indivíduos no grupo solidário”. Na explicação dos procedimentos adotados não há descrições detalhadas sobre o passo-a-passo das atividades, é apenas mencionado que as dinâmicas foram retiradas do livro *Aprendendo a Ser e a Conviver*, de Margarida Serrão, citando o nome da dinâmica aplicada em cada encontro (no total de oito) e seu objetivo, de forma resumida. Não são descritos os resultados ou apresentados comentários e observações se o objetivo de cada atividade foi ou não alcançado, mesmo sendo encontrada no texto a seguinte citação: “Na aplicação das dinâmicas 'é sempre importante traçar os objetivos que se pretende alcançar, levando em conta que os objetivos podem mudar conforme as respostas que as pessoas dão ao participarem da dinâmica (VOLPI, 2009, p. 81)”. O relatório conclui com uma reflexão pessoal sobre a experiência do estágio realizado para a psicóloga, e a colocação de que “desenvolver no grupo solidário a integração dos indivíduos pela participação coletiva e criação de vínculos, foi o objetivo principal e com o avanço obtido no grupo, foi possível”.

No ano seguinte, a IESol contou com duas duplas de estagiárias de Psicologia: A. D. B. Volaco e A. S. Prestes, que deram continuidade ao trabalho com a ARREP (referenciada no trabalho como Associação de Recicladores Solidários – ARSOL, mas o nome do grupo não

chegou a ser mudado oficialmente), e F. K. Bogdanovicz e E. D. Felema, que trabalharam junto à Associação de Feirantes Solidários – AFESOL. Em um relatório de 35 páginas, Volaco e Prestes apontam nos levantamentos de necessidades a relevância do trabalho não apenas com os recicladores da associação, mas com a própria equipe da incubadora, “para que os mesmos compreendam formas de interação adequadas e condizentes com o contexto no qual os recicladores estão envolvidos”. Como objetivos, apontam o estímulo à autonomia e empoderamento dos associados, contribuir com o viés da psicologia para que a equipe de estagiários aborde os conceitos considerando as peculiaridades do meio em que se encontram os associados e suas subjetividades, bem como capacitar os associados para atuarem na construção da Economia Solidária em sua associação, auxiliando na autogestão. A metodologia de intervenção se deu através de dinâmicas de grupo e atividades lúdicas, com temas como “autonomia, empoderamento, relações interpessoais, diferenças, integração, conflitos, confiança”, noções de economia solidária e respeito ao meio ambiente, a fim de dar ao grupo subsídios para que “se perceba como sujeitos com direitos e deveres”. É apresentado um cronograma das 37 atividades realizadas, com as oito dinâmicas aplicadas descritas em anexo, apresentando cada objetivo, procedimento e observações. A fundamentação teórica é a mais extensa entre todos os relatórios finais analisados. Nas considerações finais, são observados o aumento das práticas autogestionárias no grupo, atenção aos processos comunicativos, e as dificuldades da atuação multiprofissional quanto à decisão das ações prioritárias para o empreendimento.

A dupla Bogdanovicz e Felema apresentou um relatório final de 19 páginas, com o objetivo geral de acompanhar a incubação, auxiliando com conhecimentos específicos da área da Psicologia quando necessário, “especialmente em temas como a melhoria das relações, a construção da autonomia e a participação consciente dos membros de um grupo que se baseia na cooperação e solidariedade, bem como confrontar interesses individuais e coletivos”. A metodologia utilizada é a dos grupos operativos de Pichon-Rivière e de autores da Psicologia que atuam junto à Economia Solidária. Todos os encontros realizados com o EES e a equipe de incubação são relatados, com o objetivo e procedimentos, totalizando em 27 relatos, alguns dos quais contêm observações articuladas com a teoria. Com a leitura desses relatos é possível compreender o levantamento das necessidades apontado pelas estagiárias, suas hipóteses e estratégias de atuação. O relatório é finalizado com uma conclusão curta, afirmando que os objetivos foram alcançados, sem muitos detalhes, mas afirmando que “o trabalho com temas

como melhoria das relações, construção da autonomia, cooperação e solidariedade demandam prática contínua, sendo um trabalho em constante construção”.

Em 2013, houve mais uma dupla de estágio e uma estagiária, sendo A. Kielt e R. M. da Silva no grupo da AFESOL e B. S. Scheifer no grupo do Pré-Assentamento Emiliano Zapata. A dupla Kielt e Silva apresentou o relatório final mais longo, com 48 páginas. Como objetivos, encontram-se “buscar o fortalecimento das relações entre os membros do grupo” (geral) e “promover a participação através da fala e ações; aumentar a auto-estima; propor reflexões sobre as qualidades e potencialidades pessoais a oferecer ao grupo; desenvolver o empoderamento pessoal; apontar as contribuições da Psicologia para auxiliar nos possíveis pessoais e do grupo” (específicos); entretanto, no levantamento das necessidades, a dupla afirma que identificou no grupo “dificuldades no relacionamento em relação a liderança, definição de papéis e principalmente a comunicação entre o grupo”, que não são retomados nos objetivos do trabalho. A metodologia traz ainda que a dupla procurou “valorizar a individualidade de cada integrante do grupo através de dinâmicas e reflexões”. A fundamentação teórica apresenta citações desconexas, sem articulação ou contextualização. Na finalização do relatório, encontra-se a análise dos resultados, com observações e reflexões da dupla, demonstrando os temas trabalhados com o empreendimento (conteúdos que promoveram a participação e interação através da expressão verbal, a auto-estima, a reflexão das atitudes, do modo de agir e de participar de cada um, a valorização das qualidades e das habilidades pessoais, o sentido de pertencimento ao grupo, e o respeito aos sonhos e motivações pessoais que os levam a integrarem o grupo), as mudanças percebidas no grupo (estabelecimento da confiança, abertura, participação crescente) e as contribuições daquele estágio para a formação das estagiárias. Em anexo, seguem os relatos dos encontros, com descrição e articulação teórica, totalizando 30 relatos. As dinâmicas aplicadas não são descritas, apenas são citados título e objetivo, sem explicitar se estes foram ou não atingidos. É relevante mencionar uma das dinâmicas aplicadas pela dupla (descrita na seção de análise dos resultados), na qual cada integrante do EES recebeu uma pétala de flor confeccionada em papel de seda colorido onde deveria escrever seu nome e algum acontecimento positivo marcante recente e, ao ser colada em uma cartolina, formou uma flor simbolizando a diversidade do grupo: essa flor acabou sendo adotada pela associação como seu símbolo, tão significativa foi a identificação. Ao final do relatório, encontram-se a etiqueta do grupo com seu logotipo e fotos de atividades dos últimos dois anos de incubação da associação.

O relatório final de Scheifer apresenta o trabalho da única estagiária de Psicologia a atuar no pré-assentamento pela IESol. As necessidades levantadas apontam “muitas dificuldades em várias áreas do saber, [...] integrantes mostram-se desmotivados, abatidos e também se percebe uma descrença sobre o que pode ser feito no local devido às várias dificuldades já enfrentadas pelos mesmos [...] envolvendo a propriedade e a ocupação”. Como Scheifer iniciou seu estágio na IESol no final do segundo semestre, não contou com muito tempo para realizar observações e desenvolver um projeto de intervenção mais completo. Dessa forma, integrou-se ao planejamento da equipe de incubação e auxiliou com os conhecimentos da Psicologia na elaboração do diagnóstico que viria a ser aplicado no ano seguinte, especialmente com questões relativas à atenção social e à saúde mental. Também elaborou, ao final de seu estágio, um curto texto de referência sobre as possibilidades do trabalho da Psicologia na Economia Solidária para futuros estagiários, que segue anexo ao final do relatório, refletindo sobre o contexto capitalista e a Psicologia, especialmente as áreas Social e do Trabalho, como ferramenta na busca para “promover emancipações que libertem das opressões que sofrem determinados grupos”. Como objetivo geral, aponta “identificar a demanda relacionada à Saúde Mental” no empreendimento; como objetivos específicos se encontram “propiciar que futuros estagiários tenham uma melhor visão de como atuar nesse tipo de comunidade; promover capacitação específica voltada à psicologia através da revisão bibliográfica; criação de texto referência para a atuação dos estagiários de Psicologia”. Nos resultados, aparece uma reflexão sobre as dificuldades encontradas quanto ao campo de estágio e à compreensão da Economia Solidária e como atuar em Psicologia naquele contexto, pois as estratégias de que dispunha (“montar um grupo no local”) não seriam adequadas. A estratégia adotada foi se integrar à elaboração do diagnóstico, onde incluiu questões relativas à sua área da Psicologia, a saúde mental. Nas considerações finais, Scheifer afirma que percebeu uma nova visão de mundo durante o estágio, “de vida mais consciente, a utilização dos recursos no meio em que vivemos de maneira ecológica e sustentável e propiciou reflexões políticas e atenção à população que não se adéqua ao sistema”. Em anexo, constam os relatórios das 21 atividades institucionais, com resumo de duas ou três frases em cada data e a “clientela atendida”, demonstrando um modelo clínico de elaboração de relatório. Além disso, aparece em cada relatório uma referência bibliográfica, sem, contudo, qualquer citação ou contextualização.

Em 2014, três duplas de Psicologia iniciaram estágio na incubadora; contudo, uma das duplas precisou sair, por incompatibilidade de horários. L. F. Ferreira e F. P. Santos

acompanharam a AFESOL, trabalho este que resultou na realização de seu Trabalho de Conclusão de Curso. E. B. Libardi e R. Gazola acompanharam dois grupos, a Associação Campos Gerais de Limpeza e Conservação, também conhecida como “grupo da jardinagem” (que iniciou neste ano o trabalho junto à IESol), e a Associação de Trabalhos Manuais – ASTRAMA (que já foi anteriormente incubada pela IESol e agora retornou), mas não entregaram o relatório final de estágio. Dessa forma, apenas o relatório da dupla Ferreira e Santos foi analisado referente às atividades de estágio do ano de 2014. Em 28 páginas de relatório final, Ferreira e Santos apresentam como necessidades levantadas no EES “queixas na interação entre as participantes, conflitos intragrupais, dificuldade na prática e compreensão dos princípios da economia solidária, deslocando a responsabilidade das decisões do grupo para uma figura de liderança ou para a equipe de incubação”, sendo importante a atuação da Psicologia nesse grupo pois o mesmo se encontra entrando na fase da desincubação. Os objetivos apresentados são “proporcionar reflexões sobre a vivência pessoal e as motivações para integrar uma experiência coletiva, contribuindo para os princípios da Economia Solidária [...] e seu processo de desincubação” (objetivo geral); “contribuir para o fortalecimento da autonomia, cooperação e liderança compartilhada [...]; realizar debates sobre a prática da autogestão e dos papéis ocupados no grupo; promover a melhora do relacionamento intergrupais; proporcionar reflexões, com base no relato das integrantes, sobre os efeitos dos princípios de Economia Solidária, reapropriando-as de sua própria história”. A dupla utilizou a metodologia da História Oral, observação participante, e encontros formativos e reflexivos, sobre os temas: integração grupal e fortalecimento, autonomia, cooperação, administração de conflitos e retomada dos princípios da economia solidária. Com as intervenções realizadas, a dupla aponta que observou desenvolvimento da resiliência do grupo, que, ao se expressar, pode superar algumas dificuldades e fortalecer as relações. Em anexo, seguem os relatos de cinco encontros realizados, com seu tema, objetivo e descrição detalhada da aplicação da dinâmica realizada, sem, entretanto, apresentar discussão de resultados. O último anexo relata os objetivos e definições conceituais de História Oral, sem nenhuma menção à experiência com o empreendimento.

Além dos estágios em Psicologia, desde o ano de 2013 a IESol conta com a atuação da psicóloga F. K. Bogdanovicz, ex-estagiária da instituição, acompanhando o grupo do pré-assentamento Emiliano Zapata e fazendo a representação política da IESol junto ao Conselho Municipal de Economia Solidária, ao Fórum Paranaense de Economia Solidária, ao Centro de Formação em Economia Solidária – CFES e nas atividades presenciais da Rede de ITCPs; a

psicóloga também participou do início dos Núcleos: de Relacionamentos, de Participação Política e de Formação e Educação Popular; além de auxiliar em demandas pontuais de demais grupos. O Núcleo de Relacionamentos teve problemas para desenvolver suas atividades e foi extinto no segundo semestre de 2014. Além das atividades acima descritas, participou durante algum tempo dos grupos de acompanhamento da Rede de Educadores Populares do Paraná – REDP e da incubação de território do bairro Santa Mônica, de Ponta Grossa. A respeito de suas anotações de campo, aquelas referentes ao ano de 2013 são compostas apenas de relatórios manuais arquivados em cadernos pessoais, que não foram socializados com a equipe e tampouco ajudaram a compor o dossiê anual dos grupos incubados. Suas atividades no segundo semestre se restringiram até um completo afastamento dos grupos, devido ao início de um curso de Mestrado que não foi concluído, retornando à incubadora no ano seguinte. Em 2014, a IESol realizou uma mudança no armazenamento dos relatos de atividades, passando estes a serem armazenados em uma conta *Google Drive*, acessível a todos os membros da incubadora. Dessa forma, os artigos e relatos produzidos pela psicóloga em seus grupos e núcleos de atuação passaram a ficar disponíveis para consulta pela equipe. O Núcleo de Participação Política foi o que recebeu sua maior atenção, auxiliando na criação de atividades baseadas na Educação Popular, a fim de preparar integrantes dos EES para participarem e integrarem diferentes espaços políticos. Em sua atuação junto ao pré-assentamento, suas intervenções psi se deram no sentido de favorecer a comunicação interna do grupo, na gestão de equipamentos coletivos, e, principalmente, nas reuniões de planejamento da equipe de incubação, em uma atuação interdisciplinar, auxiliando na leitura dos acontecimentos, na problematização e elaboração de hipóteses, bem como na criação de estratégias de atuação. No primeiro semestre de 2014, trabalhou junto a alguns membros do grupo na elaboração de um abrangente diagnóstico comunitário, realizado no segundo semestre.

No início de 2014, a psicóloga L. Camargo iniciou na IESol seu trabalho de residência da Especialização em Gestão Pública com ênfase em Sistema Único da Assistência Social, curso vinculado ao Departamento de Serviço Social da UEPG. A nova psicóloga atua junto ao grupo do pré-assentamento Emiliano Zapata, onde auxiliou nas questões da gestão de equipamentos coletivos, conflitos internos, e também nas reuniões de planejamento, auxiliando a equipe de incubação na interpretação dos acontecimentos, bem como no planejamento e execução das ações de incubação. Também teve uma atuação importante na realização do diagnóstico comunitário e na análise de seus resultados.

Analisando a prática das profissionais, percebe-se uma prevalência da atuação interdisciplinar. Isso pode se dar por diversos motivos, como uma maior disponibilidade de tempo na relação com a incubadora (pois os estagiários completam apenas 4 horas semanais na instituição), uma maior segurança com relação às suas práticas, que não precisam ser defendidas através de um “corporativismo”, uma maior identificação com as abordagens da Psicologia comprometidas socialmente, entre outros. Quanto à escrita das profissionais, observam-se relatos mais detalhados, socializados com o restante da equipe e da incubadora como um todo. Mas os relatos profissionais não demonstram mais uma preocupação na articulação com a teoria, o que poderia ser uma profícua prática reflexiva.

Com relação aos trabalhos teóricos da área da Psicologia realizados de 2011 a 2014 na IESol, observa-se, primeiramente, um aumento no número de pessoas da área, entre estagiários e profissionais. A relação da incubadora com a Psicologia se iniciou através de uma única estagiária, vindo a dar lugar a mais onze estagiários (que completaram seus estágios curriculares na IESol) e duas profissionais, sendo que a psicóloga residente conta com a supervisão de uma outra psicóloga, que é vinculada ao seu programa de Pós-Graduação. Dessa forma, os trabalhos teóricos, que inicialmente eram compostos apenas pelos relatórios de estágio curricular anuais, passaram a abranger artigos publicados e apresentados em eventos acadêmicos, sendo um deles internacional, além de um trabalho de conclusão de curso e a participação em uma mesa redonda. O aumento no número de produção teórica reflete o crescimento da reflexão do fazer psi dentro da incubadora, com uma maior preocupação com a socialização dos conhecimentos ali produzidos e acumulados, a partir das práticas realizadas. O tema das publicações abrange: um relato de caso de uma dinâmica sobre o corpo humano, fazendo uma analogia com o trabalho autogestionário; a autonomia e a liderança dentro de um EES incubado; o início da análise da atuação da Psicologia dentro da incubadora; a realização de História Oral com um EES, tecendo sua experiência coletiva; e uma apresentação oral em uma mesa redonda sobre a experiência da psicóloga da incubadora.

A respeito da atuação dos estagiários, observa-se com a análise dos relatórios finais de estágio que esta atuação se divide, em geral, nos seguintes períodos: um tempo inicial de observação do grupo acompanhado, a fim de se compreenderem as relações interpessoais, os papéis desempenhados pelos membros, seus processos de comunicação, conflitos grupais, entre outros processos; à observação se segue uma etapa de planejamento do trabalho, com a elaboração do projeto de intervenção; e uma etapa da intervenção propriamente dita, em que

os estagiários costumam realizar a aplicação de dinâmicas (consideradas como uma “atividade estruturada de modo análogo ou simbólico a suas situações cotidianas de interação social dos participantes, que mobiliza sentimentos, pensamentos e ações, com o objetivo de suprir déficits e maximizar habilidades sociais”, em DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2002 apud VOLACO e PRESTES, 2012), além do acompanhamento do trabalho dos demais membros da equipe, auxiliando no planejamento das atividades de incubação e na interpretação de seus resultados. Percebe-se pelos relatórios de estágios que as dinâmicas, em sua maioria, abrangem a valorização das individualidades que trabalham juntas para construir o coletivo, a circulação da fala, o empoderamento dos sujeitos, a construção da autonomia do grupo, a melhoria das relações/integração, entre outros.

Ainda acerca da análise dos relatórios de estágio, é possível perceber que, na maior parte dos relatos, não há uma descrição detalhada do trabalho desenvolvido e do passo-a-passo das dinâmicas que foram aplicadas. Muitas descrições das observações são genéricas, sem exemplificar situações que levaram às conclusões sobre as necessidades de intervenção nos grupos, nem justificando claramente as escolhas de intervenções realizadas, como no seguinte trecho de um dos relatórios:

Na associação há muita discórdia, falta de união e de confiança entre as mulheres. Sendo assim há necessidade de possibilitar um espaço de melhor integração e convívio, visando um melhor conhecimento de si e do outro, bem como inter relação pessoal e do grupo. Portanto, o trabalho em grupo através de dinâmicas se faz necessário a fim de melhorar o diálogo e a interação entre as pessoas, proporcionando a possibilidade de conhecer a si e o outro.

Relatórios de atividade que são elaborados deixando muitas lacunas dificultam uma posterior sistematização das atividades realizadas pelos estagiários que passaram pela IESol e a criação de um documento de referência da atuação na área da Psicologia. Como causa da fraca escrita nos relatórios, pode-se supor insegurança ou inexperiência dos estagiários nesse processo, que deveria ser mais incentivado por parte dos professores supervisores de estágio. A esse respeito, Melo, Gonçalves e Silva (2013, p. 97) refletem sobre os relatórios de estágio supervisionado que “a ausência do trabalho criterioso sobre a escrita do relatório parece ser uma prática comum, ainda que o gênero seja um instrumento de avaliação bastante valorizado na composição de nota para obtenção de aprovação nas disciplinas (SILVA, 2012a)”. Seguem afirmando que a “significativa instabilidade composicional do gênero evidencia a ausência de consenso sobre a relevância da produção escrita do relatório”. Para os autores supracitados, relatórios de estágio, em geral, não possuem “uma única padronização na organização da estrutura composicional. As partes ou seções componentes dos relatórios são diversificadas,

apesar de muitos documentos conterem elementos formais do gênero projeto de pesquisa científica”.

Encontram-se em Witter (1998) mais críticas com relação à escrita de relatórios, especificamente na área da Psicologia. A autora afirma que, em sua experiência como supervisora de estágio, os relatórios, em geral, apresentam

informações redundantes, inúteis, ininteligíveis pela própria redação ou devido ao uso inadequado de termos técnicos; por vezes, os dados apresentados são imprecisos permitindo que o leitor faça a interpretação que lhe seja conveniente; outras vezes, são apresentados conclusões e psicodiagnósticos baseados em testes e na subjetividade do psicólogo entre outras inadequações.

É perceptível que a escrita dos relatórios de estágio tem necessitado maior atenção por parte dos supervisores de estágio, sendo sua prática de imensa relevância para a formação do profissional, pois, além de se tratar de uma competência que será exigida do Psicólogo em sua atuação, “a escrita pode exercer efeitos sobre o pensamento através da formulação e compreensão de textos nos quais o significado emerge da redação” (MARASCHIN *et al*, 2006). Para Enriquez (2004 apud MARASCHIN *et al*, 2006), há uma dinâmica na escrita que, conforme se escreve, acontecem novas associações de palavras e ideias, permitindo encontrar outras possibilidades de intervenções: “o que temos em mente, o que pensamos é uma coisa, mas escrever nos obriga a precisar e argumentar, o que faz com que exista uma diferença considerável entre o que pensamos antes de escrever e o que pensamos depois ou durante o ato de escrever. (ENRIQUEZ, 2004, p.133 apud MARASCHIN *et al*, 2006)”.

Quanto ao ato da “escrita da prática” durante a formação, Conti e Sperb (2010, p. 306) apontam que esta “é uma primeira forma de registro sobre a qual o estagiário poderá ordenar temporalmente os acontecimentos produzidos no terreno da ação e, a partir deles, refletir sobre a sua práxis”, pois a observação e a reflexão sobre a ação só se podem dar retroativamente, “quando um gesto retorna à mente e se pode pensar no que se passou. A memória aqui tem um papel especial, pois uma reconstrução é inevitável (Vermesch, 1994)”. Nesse sentido, Maraschin *et al* (2006) refletem que “os estudantes convocados a escrever sobre suas práticas precisam se ocupar da forma que irá tomando a sua redação, a qual lhes exigirá a avaliação dos conceitos que lhes estão servindo para refletir sobre a prática”. Desta forma, “da prática à redação, [espera-se que] a teorização possa sofrer mudanças no sentido de uma compreensão mais elaborada da experiência de estágio”.

A partir dessas análises, à guisa de conclusão do presente trabalho, pode-se afirmar que a área da Psicologia se encontra bastante consolidada na IESol, sendo sua atuação de grande relevância e com impactos positivos junto aos empreendimentos e à incubadora como um todo, especialmente através das equipes de incubação. Entretanto, não é possível

estabelecer indicadores concretos desses impactos, devido às imensas lacunas encontradas nos relatos da área, especialmente nos relatórios de estágio. É preciso uma atenção maior nesse sentido, considerando que os estagiários se encontram em um momento de formação, de experimentação de suas futuras atribuições profissionais, momento este em que contam com uma última “proteção” da academia, através da supervisão de estágio. Assim, é preciso demandar dos estagiários que se detenham mais na elaboração de seus relatórios, arriscando mais em sua escrita e se expondo mais, através do relato de suas observações e hipóteses, e na procura do respaldo destas na teoria já estabelecida de autores da área em que atuam, notadamente a Psicologia Social Latino-Americana e suas vertentes.

A partir da análise e reflexão quanto à atuação da Psicologia na IESol e sua interlocução com a literatura, pode-se compreender que a Psicologia tem muito a contribuir com a Economia Solidária e com as incubadoras que atuam dentro dessa perspectiva. A colocação dos sujeitos na centralidade dos processos econômicos e sociais é característica comum da Economia Solidária e da Psicologia, e esse diálogo, essa parceria, é de contribuição incalculável na caminhada rumo à nova economia e à construção de um novo mundo.

Este artigo se encerra com a seguinte reflexão de Silvia Lane (1995), precursora da Psicologia Social brasileira: “[...] quando pessoas se unem em grupo e resolvem ser sujeitos de sua história, e encontram a assessoria qualificada – como foi o caso –, conseguem avançar em direção a relações sociais essencialmente democráticas, nos seus direitos e deveres, que caracterizam uma comunidade”.

Bibliografia

BRASIL, M. S.; BOGDANOVICZ, F. K.; BRASIL, F. S. O trabalho autogestionário: notas sobre metodologia de incubação. In: Anais do I Congreso Extensión y Sociedad, 2013, Montevideu. Disponível em <formularios.extension.edu.uy/ExtensioExpositor2013/archivos/690_resumen1228.pdf>. Acesso em 07 jan. 2015.

BOGDANOVICZ, F. K.; FELEMA, E. D. Relatório final IESol. Relatório final de estágio curricular em Psicologia. Faculdade Sant’Ana. Ponta Grossa – PR, 2012.

_____; BRASIL, M. S. ; BRASIL, F. S. As partes e o todo: Notas sobre o trabalho autogestionário. In: Anais do 11º CONEX. 2013. Ponta Grossa – PR. Disponível em <[www.uepg.br/proex/anais/11/trabalhos/11/Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Oral/Oral%20\(141\).pdf](http://www.uepg.br/proex/anais/11/trabalhos/11/Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Oral/Oral%20(141).pdf)>. Acesso em 07 jan. 2015.

_____; MOURA, R. R.; CUNHA, L. A. G. O trabalho da Psicologia dentro da Incubadora de Empreendimentos Solidários. In: Anais do 12º CONEX. 2014. Ponta Grossa – PR. Disponível em <sites.uepg.br/conex/anais/artigos/25-1403-1-DR-mod.pdf>. Acesso em 07 jan. 2015.

_____; ANDRADE, M. C. Mesa redonda: Conversando sobre a atuação da Psicologia na Economia Solidária. In: I SENESTS, 2014. Ponta Grossa – PR.

FERREIRA, F. L.; SANTOS, F. P.; SORIANO, S. S.; BRASIL, M. S. Psicologia e a Economia Solidária: Autonomia coletiva X liderança capitalista. In: Anais do 12º CONEX. 2014a. Ponta Grossa – PR. Disponível em <sites.uepg.br/conex/anais/artigos/408-1547-1-DR-mod.pdf>. Acesso em 07 jan. 2015.

_____; _____. In: Anais do 15º Encontro Regional Sul da Abrapso. 2014b. Londrina – PR. Disponível em <www.encontroregionalsul2014.abrapso.org.br/resources/anais/13/1409785964_ARQUIVO_ArtigoIESOL-ABRAPSO.pdf>. Acesso em 07 jan. 2015.

_____; _____. “Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários” IESOL. Relatório final de estágio curricular em Psicologia. Faculdade Sant’Ana. Ponta Grossa – PR, 2014.

_____; _____. Economia Solidária: Uma Experiência Coletiva em uma Sociedade Individualista – A Construção de uma Narrativa. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia). Faculdade Sant’Ana. Ponta Grossa – PR, 2014.

KIELT, A.; SILVA, R. M. Projeto de Estágio em Instituições – IESOL. Relatório final de estágio curricular em Psicologia. Faculdade Sant’Ana. Ponta Grossa– PR, 2013.

PIEKARSKI, M. Plano de ação – IESOL. Relatório final de estágio curricular em Psicologia. Faculdade Sant’Ana. Ponta Grossa– PR, 2011.

SCHEIFER, B. S. A atuação do estagiário de Psicologia com o grupo incubado Zapata. Relatório final de estágio curricular em Psicologia. Faculdade Sant’Ana. Ponta Grossa,– PR 2013.

VOLACO, A. B.; PRESTES, A. S. A construção de autonomia e empoderamento de um grupo de recicladores. Relatório final de estágio curricular em Psicologia. Faculdade Sant’Ana. Ponta Grossa– PR, 2012.

Referências

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, A. L. T. **Psicologias**: Uma introdução ao estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2001. Disponível em <www.academia.edu/1943683/Psicologias_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o_ao_estudo_da_Psicologia>. Acesso em 06 jan. 2015.

CARVALHO, A.; BARBOSA, C. Atuação do Psicólogo Social do Trabalho no movimento da Economia Solidária. In: XIII Seminário de Pesquisa e VIII Seminário de iniciação Científica

da universidade Tuiuti do Paraná. Pôster. Curitiba: Universidade Tuiuti, 2009. Disponível em <xa.yimg.com/kq/groups/21693799/1762780909/name/resumo.doc>. Acesso em 15 jan. 2015.

CEDEÑO, A. L. Reflexões sobre autogestão e Psicologia Social Comunitária na América Latina. **Psi: Revista de Psicologia Social e Institucional**. V. 1, n. 2, Nov/1999. Disponível em <www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov1n24.htm>. Acesso em 07 jan. 2015.

CFES – CENTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO EM ECONOMIA SOLIDÁRIA. Seminário sobre Sistematização – CFES Nacional. Brasília, 2010. Disponível em <www.fbes.org.br/biblioteca22/sistematizacao_relatorio_sintese.pdf>. Acesso em 15 jan. 2015.

CONTI, L.; SPERB, T. M. Práxis psicoterapêutica de estagiários de Psicologia: Análise do relato e da trama narrativa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. V. 26, n. 2, pp. 305-314, abr-jun. 2010. Disponível em <www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28986/000758346.pdf?...1>. Acesso em 13 jan. 2015.

CORTEGOSO, A. L.; CIA, F.; LUCAS, M. G. Economia Solidária: O que é e como se relaciona com a Psicologia. In: CORTEGOSO, A. L.; LUCAS, M. G. (orgs.). **Psicologia e Economia Solidária: interfaces e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. Pp. 25-37.

COUTINHO, M. C. *et al.* Novos caminhos, cooperação e solidariedade: A Psicologia em empreendimentos solidários. **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 17, n. 1, Abr. 2005. Disponível em <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01027182200500010002>. Acesso em 07 jan. 2015.

FAVERO, E.; EIDELWEIN, K. Psicologia e cooperativismo solidário: Possíveis (des) encontros. **Psicologia & Sociedade**. V. 16, n. 3, pp. 35-40; set/dez, 2004. Disponível em <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000300005>. Acesso em 07 jan. 2015.

FILGUEIRA, M. P. M. Escrita de relatórios de estágio em Psicologia Clínica: a insurgência do (O)utro no cuidado do outro. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Taubaté, 2010. Disponível em <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp136402.pdf>. Acesso em 11 jan. 2015.

HÜNING, S. M.; GUARESCHI, N. M. F. Problematizações das práticas psi: articulações com o pensamento foucaultiano. **Athenea Digital**. N. 8, pp.95-108. Disponível em <antalya.uab.es/athenea/num8/huning.pdf>. Acesso em 06 jan. 2015.

LANE, S. T. M. Avanços da psicologia social na américa latina. In S. T. M. Lane & B. B. Sawaia (Eds.), **Novas veredas da Psicologia Social**. Pp. 67-81. São Paulo: Brasiliense, 1995. Disponível em <www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Avan%C3%A7os-Da-Psicologia-Social-Na-Am%C3%A9rica/557066.html>. Acesso em 06 jan. 2015.

LEÃO, L. H. C. Psicologia do Trabalho: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais. **Revista ECOS**. N. 2, v. 2, pp. 291-305. 2012. Disponível em <www.uff.br/periodicos/humanas/index.php/ecos/article/view/1008/722>. Acesso em 06 jan. 2015.

MARASCHIN, C.; D'AGORD, M. R. L.; SANTOS, N; I. S.; SORDI, R. O. A escrita do caso e a ressignificação da experiência de estágio. *Aletheia*. N. 24, Canoas, dez. 2006. Disponível em <pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942006000300004&script=sci_arttext>. Acesso em 13 jan. 2015.

MELLO, S. L. Por que Economia Solidária? Por que Psicologia? In: CORTEGOSO, A. L.; LUCAS, M. G. (orgs.). **Psicologia e Economia Solidária: interfaces e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. Pp. 16-22.

MELO, L. C.; GONÇALVES, A. V.; SILVA, W. R. Escrita acadêmica na escrita reflexiva profissional: citações de literatura científica em relatórios de estágio supervisionado. *Bakhtiniana*. N. 8, v.1, pp. 95-119, Jan./Jun. 2013. São Paulo. Disponível em <www.scielo.br/pdf/bak/v8n1/a07v8n1>. Acesso em 11 jan. 2015.

POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**. V.1, n.1, março 2005, pp. 3-15. Disponível em <revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/186/103>. Acesso em 07 jan. 2015.

REBOREDO, L. A. Psicologia Social: curso e percurso. In: VII Encontro Regional da ABRAPSO: Psicologia Social e Neo-Liberalismo. Bauru: UNESP, 1998. Disponível em <www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Curso-e-Percurso/42679567.html>. Acesso em 06 jan. 2015.

SINGER, P. Economia Solidária no Brasil. **Introdução à Economia Solidária**. 3a ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2008.

_____. A Psicologia e a Economia Solidária. In: CORTEGOSO, A. L.; LUCAS, M. G. (Orgs.) **Psicologia e Economia Solidária: interfaces e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. Pp. 13-16.

VERONESE, M. V. **Psicologia Social & Economia Solidária**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008a.

_____. A contribuição da Psicologia na potencialização do coletivo em Empreendimentos Econômicos Solidários. In: CORTEGOSO, A. L.; LUCAS, M. G. (Orgs.) **Psicologia e Economia Solidária: interfaces e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008b. Pp. 53-67.

WITTER, C. Sugestões para redação de relatórios. **Psicologia Escolar e Educacional**. V. 2, n. 3. Campinas, 1998. Disponível em <www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85571998000300013&script=sci_arttext>. Acesso em 13 jan. 2015.